

Capítulo I

Para Uma Filosofia da Sobre-Reacção

TER OUVIDO PARA OS TERRORES DA NOSSA ÉPOCA

Hans-Jürgen Heinrichs: Peter Sloterdijk, o título do seu livro *Ensaio sobre a Intoxicação Voluntária (Selbstversuch)* (1996) sugere-me algo de inquietante, pois evoca a frieza de um laboratório onde são possíveis automutilações, talvez até automortificações¹. Parece relacionar-se com uma questão de vida ou de morte.

Nos *Écrits* de Laure², a escritora que partilhava a vida de Georges Bataille conta a história de uma menina que se colocava muitas vezes frente ao espelho da mãe, composto por três partes que podiam ser voltadas umas para as outras. Graças a essa instalação, decompunha e recompunha os membros repetidas vezes. Concebia essa experiência existencial de fragmentação e recomposição como uma condição do seu pensamento e da sua escrita. Quando nos referimos, por exemplo, aos trabalhos de Unica Zürn, Hans Bellmer ou aos próprios escritos de Lacan, reencontramos essa dimensão de autodecomposição, do corpo fragmentado e mutilado. A sua própria maneira de filosofar não se inspira também nessas fontes, nessa experiência pessoal da dilaceração e da integridade?

Peter Sloterdijk: Sem dúvida alguma, pois, privada desse impulso existencial, a filosofia degeneraria num assunto trivial. Por outro lado, penso que ao referir o contexto designado pela expressão «intoxicação voluntária», foi um pouco mais longe do que aquilo para que eu pretendi apontar com essa formulação. Na verdade, não sou um amador do expressionismo alemão, em que era moeda corrente manter uma posição fi-

losófica de vida ou de morte. Essa gestualidade talvez fizesse algum sentido em 1918, quando os indivíduos tinham acabado de deixar as trincheiras e pairava a suspeita de não haver retorno possível a casa, como diz uma das personagens de Hermann Broch em *Os Sonâmbulos*. Quando falo de «intoxicação voluntária», não penso numa experiência de vivisseccção no próprio corpo nem na psicose romântica da psicanálise francesa. Não tento aproximar-me de Camus, que afirmava que só existia um problema filosófico real, o suicídio, nem tão-pouco de Novalis, autor da observação instrutiva de que o único acto «genuinamente filosófico» consiste em pôr termo aos nossos dias. Refiro-me mais a um fenómeno que pertence à história da medicina moderna, o movimento homeopático, que remonta a Samuel Hahnemann. Em 1796 — há mais de dois séculos —, essa mente surpreendente formulou pela primeira vez o princípio do remédio terapêutico efectivo. Desse modo, foi um dos primeiros curadores a tratar o nervosismo moderno dos seus pacientes com adequadas propostas médicas. Estava convencido de que o médico era obrigado a intoxicar-se a si próprio com tudo o que administrasse mais tarde aos enfermos. É desta reflexão que procede o conceito de «intoxicação voluntária»: quem quiser ser médico precisa, previamente, de ser cobaia.

O motivo mais profundo desta viragem para a experimentação com o próprio corpo encontra-se na ideia romântica de uma ligação activa entre imagem e Ser. Hahnemann considerava que os efeitos da dose no indivíduo são e no enfermo se espelhavam. Esta é a origem da ambiciosa semiótica da medicação farmacológica. A grande reflexão optimista da medicina romântica pertence essencialmente à homeopatia; mais ainda, reside precisamente na ideia de que devemos presumir uma relação reflexiva entre o que é a enfermidade como fenómeno global e os efeitos que um meio puro gera num corpo são. A homeopatia pensa ao nível de uma imunologia especulativa. E, na medida em que os problemas imunológicos são cada vez mais considerados como aspectos prioritários da terapêutica e da sistémica do futuro, estamos aqui perante uma tradição muito actual, por muito que o funcionamento das doses homeopáticas permaneça envolto num véu obscuro.

De acordo com este ponto de vista, a expressão que dá o título ao meu livro insere-se mais na corrente da filosofia naturalista romântica; dito de forma mais concreta, tem mais a ver com a metafísica alemã da enfermidade do que com o discurso francês sobre o corpo fragmentado. Mas, mais ainda, tem a ver, naturalmente, com Nietzsche, que jogou por vezes com metáforas homeopáticas e, mais ainda, imunológicas. Não é uma casualidade se ele apresenta o seu Zarathustra dizendo à multidão:

«Inoculo-vos a loucura», para já não falar da sua duvidosa sentença «o que não me mata, torna-me mais forte», expressão que devemos entender, sob todos os aspectos, num sentido imunológico. Nietzsche entendia toda a sua vida como uma espécie de inoculação de substâncias tóxicas da decadência e procurou organizar a sua existência como uma reacção integral de imunização. Não foi capaz de se dar por satisfeito com a ingenuidade blindada dos últimos homens, graças à qual estes se protegem das infecções dos seus contemporâneos e da História. Nas suas obras, apresentava-se, portanto, como um terapeuta da provocação que trabalhava com intoxicações concretas. Enfim, são todas estas conotações que estão resumidas no meu título, que não exclui que as imagens ou as associações com ele relacionadas se possam combinar com outros âmbitos tonais e sejam adequadas para essoutros estratos de significação.

H.-J. H.: De Hahnemann a Nietzsche — eis um vasto campo de análise. Não obstante, temos de constatar que existe um enorme hiato entre os primeiros arrochos homeopáticos, que podem levar à cura, e essas ideias filosóficas, que provavelmente não logram efeitos terapêuticos tão directos. Mas, naquilo que disse, há um elemento que me parece particularmente importante: o estar-infectado, a participação quase psicossomática nos males da própria época. Em *Ensaio sobre a Intoxicação Voluntária*, essa ideia surge num momento-chave, quando, no desenrolar da polémica com Botho Strauss, defende a sua concepção de um autor. Essa passagem tem rasgos confessionais. Na sua argumentação, explica que o autor tem o dever de pensar perigosamente, que o escritor não deve comprometer-se com a inocuidade. Os autores importantes são sobretudo os que pensam em arriscar-se. Por conseguinte, a sua filosofia experimental pressupõe mais do que uma simples concepção metafórica da homeopatia. Talvez pudéssemos caracterizá-la melhor à luz da sua relação com vanguardas artísticas e filosóficas do século xx...

P. S.: Podemos ver as coisas dessa maneira. Também devíamos acrescentar que a homeopatia, devido à sua relação com as filosofias reformistas da vida da pequena burguesia, tem um *imago* dificilmente compatível com a ideia de um pensamento audacioso. Porém, se nos fixarmos na experiência pessoal de Hahnemann, vemos surgir também outros traços. Ele era um virtuoso na arte da intoxicação voluntária. Fez experiências com o seu corpo, pô-lo à prova, submeteu-o a pesadas cargas, utilizou-o de tal modo que o converteu num grande órgão sensível aos estádios enfermos. Empreendeu uma desconstrução da saúde na forma de

uma experiência psicossomática consigo mesmo. Isto pressupõe uma *daimonía* de tipo especial, dificilmente comparável às lúgubres inquietações com que certos autores da Modernidade pintam os seus excessos. Na minha opinião, não devemos subestimar o potencial de ameaça que coadjuva a medicina homeopática. Trata-se de uma delineação muito complexa e, de modo geral, inócua, que se esconde sob uma máscara de honradez.

Por outro lado, tem razão, o meu caso não se ajusta, como tal, à homeopatia. A expressão «intoxicação voluntária» é uma metáfora que apesar de provir da esfera da filosofia da medicina, não se esgota nela. Tem também um elemento casual: nessa época, tinha a terminologia homeopática em mente; pouco antes, em Setembro de 1996, assistira, na igreja de São Paulo em Frankfurt (a famosa *Paulskirche*), à celebração do bicentenário do movimento homeopático e, para esse efeito, mergulhara no estudo histórico das primeiras ideias burguesas sobre a medicina. Descubri então até que ponto a história do pensamento moderno está entrecidada de fantasmas sanitários e metáforas farmacológicas. A ideia mais influente dos séculos XIX e XX, o conceito de alienação, aponta para uma terapêutica universal. Política e clínica seguem caminhos paralelos durante longos trajectos. Mesmo os antípodas que foram Marx e Nietzsche têm esse aspecto em comum. Quanto ao meu livro, talvez seja mais indicado pensar no lema de Nietzsche sobre a vida como «experiência do homem que busca o conhecimento». Ao escolher esse título, queria chamar a atenção para as condições da nossa contemporaneidade. Se alguém quiser dizer algo enquanto intelectual contemporâneo, tem de sentir os excedentes ilusórios da sua própria época e o seu terror. Falamos, de certo modo, instados por uma ordem linguística procedente da surpresa e do horror ou, de forma mais geral, com os potenciais extáticos da nossa própria época. Não temos outros imperativos. Como escritores da nossa época, não estamos investidos de um cargo pela graça de um rei ou de um deus. Não somos os mensageiros do absoluto, mas indivíduos com ouvido para as detonações do nosso tempo. Com esse imperativo, o escritor entra hoje em cena diante do seu público, tendo apenas como regra geral o recurso à sua «própria experiência». Esta também pode ser um poderoso emissor, caso tenha testemunhado o monstruoso. É ela que possibilita o nosso tipo de mediunidade. Se estou convencido de uma coisa, é de que, depois do Iluminismo, se não o contornámos, já não é possível a existência de *media* directamente religiosos, mas sim de consonância histórica ou de urgência.

H.-J. H.: Como aludiu ao campo religioso, gostaria de passar a falar de um fenómeno que atraiu a atenção nesse campo, há uma década: refiro-me a Bhagwan Shree Rajneesh ou, como ele próprio se fez chamar mais tarde, Osho, que você considera uma das figuras espirituais mais relevantes do século XX e que conheceu pessoalmente durante uma longa estadia na Índia, há cerca de vinte anos. Consagra-lhe uma das passagens que me parecem mais interessantes do seu *Ensaio sobre a Intoxicação Voluntária*. Fala dele como o «Wittgenstein da religião» e explica, em poucas pinceladas, como, na sua perspectiva, as religiões históricas só podem reformular-se mediante «jogos religiosos activos». Mostra de que modo Osho levou a cabo as suas experiências espirituais e, nesse contexto, explica como a análise efectiva da religião só faz sentido na experiência e não tanto através da crítica teórica ou discursiva. Com Osho, esse grande animador religioso, é possível aprender um tipo de crítica da religião que não seria aceitável nos seminários teológicos. Na Alemanha, entre os autores mais destacados da última década, só Luhmann seguiria essa linha, pois também ele, de modo parecido mas com meios completamente diferentes, mostrou que, por detrás de todos os intentos para a superar ou suprimir, a religião deve ser examinada como um fenómeno irreduzível. Não só não desapareceu sob as condições modernas, tal como se afirmou muitas vezes, mas, resistindo, perfila-se com maior nitidez nos seus contornos do que na época das culturas tradicionais mais destacadas, quando fusionava com outros aspectos vitais diferentes, nomeadamente a política e a moral. Como assinalou, Osho tratou esse núcleo irreduzível através de formas experimentais. Num certo sentido não fez mais do que «radicalizar» a religião num sentido químico. De certo modo, foi o budista mais extremo e mais irónico do século. Tinha manifestamente a ambição de aplicar os princípios da vanguarda ao campo religioso.

Trata-se de um traço do seu pensamento pelo qual sinto grande apreço: a liberdade com que se ocupa das figuras dominantes do século XX, assim como a sua ousadia na hora de enfrentar os autores mais inovadores. Nesse contexto, evoca ainda outro animador: Jacques Lacan. Parece-me até que opõe os dois e, ao lê-lo, temos a impressão de que não é Lacan quem leva a melhor.

Gostaria, não obstante, de pôr um pouco mais de ordem nas minhas impressões sobre o seu livro: por um lado, aborda em bicos de pés temas que são pesos pesados; por outro, associa uma demanda filosoficamente muito séria a um experimentalismo existencial pessoal. Neste contexto, ao referir-se à sua viagem à Índia, diz que devia ter escrito um romance ou uma crónica. Aproveitando esta alusão a um género literário, deseja-